

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ “KANTIANAS”

Nas últimas décadas, tornou-se notável a presença das mulheres nos estudos kantianos no Brasil. Diversas docentes constituíram excelentes grupos de pesquisa sobre a filosofia kantiana no país, construindo e consolidando também redes internacionais de estudos sobre a obra de Kant. Talvez essas circunstâncias se expressem no fato de a Sociedade Kant Brasileira ter sido presidida nos últimos anos por mulheres, além de ter sua direção composta em sua maioria por mulheres. Destaca-se ainda a formação de jovens pesquisadoras, doutorandas e pós-doutorandas, trabalhando sobre o pensamento kantiano.

Com o intuito de chamar a atenção do público para a pesquisa kantiana feita por mulheres, a Revista *Estudos Kantianos* concebeu este número especial “Kantianas”, que reúne artigos de pesquisadoras que se dedicam ao estudo de diversos temas da filosofia kantiana e de suas relações com outras perspectivas filosóficas. Trata-se de uma iniciativa conjunta com a Revista *Studia Kantiana*, que reunirá em seu próximo número, organizado por Marília Espírito Santo, uma série de contribuições de pesquisadoras kantianas.

No artigo “Sobre o desejo em Kant”, que abre este número especial, Maria Borges investiga os dois sentidos de “desejar” presentes na filosofia prática kantiana: o desejo como inclinação e o desejar como uma escolha da máxima de ação pelo arbítrio. A autora então expõe o desenvolvimento da concepção kantiana de faculdade de desejar ao longo das *Lições de Metafísica e de Antropologia* ministradas nos anos 1770-80, comparando-a ainda com as definições oferecidas nas duas últimas *Críticas*, bem como na *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, a fim de assinalar a existência de dois níveis distintos da faculdade de desejar.

Também dedicado ao estudo da filosofia prática kantiana, o artigo de Marília Espírito Santo expõe uma objeção feita a Kant por Béatrice Longuenesse em analogia à objeção feita por Kant à tradição racionalista. A autora reconstrói o argumento de Kant exposto na *Crítica da razão pura* para criticar o paralogismo da personalidade, no qual os racionalistas incorrem quando procuram determinar a identidade do eu. Em seguida, mostra como, para Longuenesse, à semelhança do paralogismo criticado na primeira *Crítica*, Kant comete um “paralogismo da razão prática pura” tanto na terceira seção da *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, quando atribui liberdade transcendental aos seres humanos a partir da mera representação do sujeito como pertencente a um mundo inteligível, quanto na *Crítica da razão prática*, ao atribuí-la ao sujeito mediante a consciência do dever moral.

<https://doi.org/10.36311/2318-0501.2022.v10n2.p11>

Passando à discussão sobre as relações entre moral, ética e política, o artigo de Nicole Martinazzo examina a asserção feita por Kant em *A religião nos limites da simples razão* de acordo com a qual a comunidade ética somente pode existir se tiver como base a comunidade política. Procurando elucidar o sentido desta relação, a autora lança a hipótese de que a comunidade política deve ser entendida como pré-condição necessária, ainda que não suficiente, para a existência da comunidade ética. Ressaltando que não se trata de subordinar a existência da ação moral individual à existência da comunidade política, a autora argumenta que, para Kant, a realização coletiva da moral depende da formação da comunidade política, na medida em que esta garante as condições mínimas para que os agentes possam alterar sua “maneira de pensar”.

Em seguida, ainda no contexto do pensamento sobre moral e religião, Ivanilde Fracalossi apresenta as reverberações da concepção kantiana de fé racional no pensamento de Reinhold, a partir de uma leitura detalhada de suas *Cartas sobre a filosofia kantiana*. Situando o conteúdo das primeiras *Cartas* no contexto do Esclarecimento alemão e como resultado do embate entre as filosofias de Mendelssohn e Jacobi, o artigo nos auxilia a compreender em que medida Reinhold reitera a empreitada crítica de Kant como um caminho alternativo entre irracionalismo e dogmatismo para a conciliação entre moralidade e religião. A análise das cartas subsequentes introduz as teses de Reinhold sobre a relação entre corpo e alma, e sobre a imortalidade da alma, revelando que os desenvolvimentos teóricos do autor se baseiam na leitura dos paralogismos expostos na *Crítica da razão* pura de Kant.

Na sequência, este número apresenta dois artigos sobre a temática da natureza em Kant. A partir da introdução de algumas considerações de Buffon sobre a história natural, Isabel Coelho Fragelli nos mostra que foi o naturalista francês, principalmente, quem abriu as portas para a concepção de história da natureza elaborada por Kant. Com base nos três ensaios de Kant sobre as raças, o artigo apresenta como Kant toma distância de uma mera “descrição da natureza” realizada pelos naturalistas e institui uma “história da natureza” em que se procura compreender as características dos seres vivos a partir de um princípio de unidade. De acordo com a autora, o princípio de unidade das raças em uma única espécie encontrará respaldo na teoria da epigênese e no princípio teleológico, expostos por Kant na *Crítica da faculdade de julgar*.

No artigo “Reavaliando a ética de Kant para questões ambientais”, Milene Consenso Tonetto enfrenta o debate contemporâneo sobre questões relacionadas ao meio ambiente e aos animais não humanos, procurando mostrar como a ética kantiana dos deveres e das obrigações se mostra profícua para argumentar em favor da proteção do mundo natural. Em contraposição às leituras segundo as quais Kant restringe as obrigações morais apenas às relações entre seres humanos, a autora defende que a ética kantiana possui exigências morais mais amplas, que incluem a natureza não humana.

Por fim, apresentando as reverberações contemporâneas da filosofia moral de Kant no pensamento de Hannah Arendt, Nathalia Rodrigues da Costa examina as origens kantianas da reflexão de Arendt sobre o caso Eichmann. Num primeiro momento, a autora examina a *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* de Kant de modo a tornar mais claros os três aspectos da incompreensão da filosofia moral de Kant por Eichmann: a confusão entre os

campos da moral e da política, a ausência de autonomia da vontade e a indistinção entre ações por dever e meramente conformes ao dever. Em seguida, a autora mostra como Arendt mobiliza o texto kantiano da *Crítica da Faculdade de Julgar* para ressaltar a incapacidade de Eichmann de exercitar a faculdade de pensamento e de se colocar no lugar do outro.

Na esperança de que este número da revista *Estudos Kantianos* possa contribuir não apenas para visibilizar o trabalho de pesquisadoras mulheres da filosofia kantiana, mas também para estimular o engajamento de jovens pesquisadoras em nossa área de filosofia, ainda marcada pela desigualdade de gênero, desejo que a leitura deste conjunto de artigos seja proveitosa.

Monique HULSHOF

Professora da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Editora da *Studia Kantiana. Revista da Sociedade Kant Brasileira*

